



AVE MARIA



**PUBLICAM SUAS PROMESSAS E AGRADECEM
GRAÇAS RECEBIDAS:**

MOCÓCA — D. Albertina de Toledo Zelante, a Nossa Senhora Aparecida e Santa Rita de Cássia.

JUIZ DE FORA — D. Maria Luiza, por Manoel Costa. — D. Stela Palheta Alencar, em favor de João Lopes. — D. Josefina Boti C., pelas almas. — D. Helena Barbosa, por Sancho e Frederica, e demais parentes. — D. Josefina Passela, por Vicente Passela, Francisca Argela, Felício Dalto, Maria J. Argela e almas do purgatório.

MERCÊS — Sr. Bento Ribas, pela família. — D. D. I. Caputo, por Maria Camila. — D. Germina Silva Barros. — D. Maria de Lourdes Souza Barros, a São José. — D. Josefina, por Vitória e pelas almas. — D. Francisca Albuquerque, por Bernardo, Francisca, Dulce e pelas almas. — Sr. Antônio Silveira, por Maria, Mamede Moreira e pelas almas. — Sr. Geraldo Silveira, às almas, por Mariana, Custódio e Nicola. — D. Marcolina Maria Abreu, por Manoel Antônio e João Manoel.

SÃO PAULO — Sr. Lindolfo Coimbra, a Nossa Senhora Aparecida e a São Judas Tadeu. — D. Nabia Moisés, a São Judas Tadeu. — D. C. Pinto Novais, ao Imaculado Coração de Maria.

CURVELO — Uma devota, pela novena das "Tres Ave Marias".

LAVRAS — D. Maria Eugênia Fraguas, por uma graça alcançada.

COTIA — D. Maria Conceição Oliveira. — Sr. José Pires Oliveira. — Sr. Laurindo Lima, em favor das almas. — Sr. Salvador Rocha, em favor das almas. — D. Aurelia Pires de Oliveira, a Nossa Senhora Aparecida e ao Senhor Bom Jesus de Pirapora. — D. Albertina Pires Oliveira, ao Sagrado Coração de Jesus e Imaculado Coração de Maria.

DOM SILVÉRIO — Sr. Olímpio Gonçalves do Nascimento, por José Gonçalves do Nascimento e Maria Custódia do Nascimento.

SÃO MANOEL — Sr. João Simões, por Oliveira Simões e benditas almas. — D. Ana Pinheiro, às almas. — Uma devota, em favor do Padre Teodoro. — D. Maria Ribeiro, em favor de Francisco e Maria, aos seus parentes e às almas. — D. Anunciata Barbuto, em favor de Rafael Barbuto. — D. Maria de Lourdes Barros, a São José e ao Sagrado Coração de Jesus.

TRÊS CORAÇÕES — D. Filomena Mancini, a São Sebastião, às almas e a São Judas Tadeu.

IBITINGA — Sr. João Paez, às almas e por José Paez e ao Bom Jesus.

RIO DE JANEIRO — P. Simón Negro Juanvelz, ao Imaculado Coração de Maria e ao Beato Claret, pela cura de uma ferida na perna.

ESTANCIA — D. Gisete Silveira Silva, aos 40 mártires do Brasil.

ANTÔNIO PRADO — Sr. Hilário Rodrigues Pereira, a Frei Fabiano de Cristo, pela cura dos olhos.

MIMOSO — D. Pascoalina D. Schiavo, à sua intenção. — D. Corina Rambaldnei, a Santa Teresinha. — D. Regina Cavalari, às almas do purgatório e a todos os Santos. — D. Angela Cavalari, a Santa Teresinha. — Sr. Domingos Fianco, a Santa Teresinha.

OLIVEIRA DO PIRANGA — D. Maria da Conceição Milagres de Araujo Veloso, ao Imaculado Coração de Maria.

PINDORAMA — D. Iracema Ramos.

LEOPOLDINA — D. Nipon M. Codo, a Frei Fabiano de Cristo, Dom Bosco e às almas.

FAZENDA DO TROVÃO — D. Rita Milagres de Araujo, ao Imaculado Coração de Maria e a Nossa Senhora de Lourdes. — D. Silvéria, em favor de Maria Milagres de Araujo e Margarida Cabral.

BANDEIRANTES — Sr. José Gonçalves, em louvor do Coração de Maria.

BARRETOS — D. Antonieta Tonazeli Mourão, ao Imaculado Coração de Maria.

NATIVIDADE — D. Waldomira Vilela Pereira, a Santa Teresinha, Imaculada Conceição e ao Beato Claret. — D. Maria Leme, a Nossa Senhora.

CAMBUCÍ — Sr. Francelino Velasco, a Santa Teresinha. — D. Arzelina Amaral, em favor do esposo e às almas do purgatório. — D. Juruema, segundo sua intenção. — D. Maria N. Belo de F., a São José e a Santa Teresinha.

CAMPINAS — D. Francisca Monteiro, segundo sua intenção.

CEDRAL — D. Ifigênia Reino Baldasi. — Sr. Antônio Giacometti. — D. Ana Lucatto. — Sr. José Michelin. — D. Laura Musegante. — D. Letícia Linge. — D. Julia de Souza Correia. — Sr. João Gonçalves Correia. — D. Júlia G. Correia. — D. Luisa Tofoleto Musato. — D. Alzira Musato. — Sr. Júlio Gonçalves Correia. — D. Maria Chainça.

OS SANTOS DA SEMANA

SETEMBRO

DIA 21 — XVI Domingo depois de Pentecostes. — São Mateus.

DIA 22 — São Maurício. — São Tomaz de Vilanova. — Santo Emerano.

DIA 23 — São Constâncio. — São Paterno. — São Lino.

DIA 24 — Nossa Senhora das Mercês. — São Tirso. — Sta. Ludmila.

DIA 25 — São Cléofas. — São Firmino. — Santa Aurélia.

DIA 26 — Santo Eusébio. — Santa Justina. — Santa Eugênia.

DIA 27 — São Cosme. — São Damião. — São Fidêncio.

AVE

REVISTA SEMANAL

MARIA

CATÓLICA ILUSTRADA

ASSINATURAS:

Perpétua 150\$000
 Ano 10\$000
 Número avulso \$500

(Com aprov. eclesiástica)

RED. E ADMIN.:

Rua Jaguaribe, 699
 Fone: 5-1304 - Caixa, 615
 OFICINAS: Rua Martim
 Francisco, 646-656

Os grandes meios para a conservação geral da fé nos antigos tempos e nos dias atuais

A Igreja em luta! a Igreja militante! eis a expressão fiel da situação continuada do verdadeiro cristão, na contenda esforçada com os inimigos da sua fé, da sua religião e da sua alma.

Quem pode negar que atualmente, e saindo à rua, não tem acaso na frente ou não vá encontrar algum adversário, ou pelo menos algum menosprezador dessa fé que deve estimar sobre todos os conhecimentos, como palavra de Deus? Quem é que não poderá encontrar nas suas conversações algum desses católicos, ou tão tibios e condescendentes com as máximas do mundo, que lhe pode pôr em perigo, aos poucos, a estima da religião e o zelo e cuidado pela sua prática de que dependa a salvação?

É nessa luta e reação constante para não deixar-se arrastar pela correnteza, justo é que os católicos evitem o contacto perigoso, como se evita a convivência com as pessoas contagiadas.

Mas isto não basta, e para muitos nem será possível: ha também outros contactos e perigos, além da conversação e amizade com o inimigo.

À primeira face, os adeptos de qualquer sistema de idéias ou de religião desejam que os seus chefes e condutores ocupem o poder público, empunhando o cetro da soberania, proclamando leis a seu favor e ameaçando, com a espada da coação, os que

não abraçarem o seu credo ou, pelo menos, lhes forem ativamente contrários.

Assim, após muitos anos e até séculos de perseguição pelos imperadores pagãos, Deus acudiu em socorro da Igreja com as leis de tolerância do imperador Constantino, após a sua conversão. Mas, vacilando na proteção do rebanho, encolhidos os diversos detentores do supremo poder, surgiu com sua firmeza contra herejes e pagãos o imperador Teodosio, de sorte que nunca mais imperou o paganismo, nem a heresia se assenhoreou por muito tempo nos territórios que foram do império romano do Ocidente, e por muitos séculos continuou fiel à Igreja, a-pesar da política muito variável dos soberanos do vastíssimo império do Oriente.

Era também assaz conveniente à glória da religião que a Igreja ocupasse, com seu prestígio e dominação espiritual, as grandes cidades do império. São Pedro e os demais Apóstolos começam a anunciar o Evangelho na capital da Judéa, tornando-se muito venerável a todos, segundo testemunha São Lucas, a primeira igreja de Jarusalem. E não demora muitos anos que o mesmo príncipe da Igreja assenta seus arraiais em Antioquia, a capital do Oriente civilizado, começando os fiéis da mesma a chamar-se **cristãos**, nome perpetuado até aos nossos dias e conservado mesmo pelos desertores da grei de Cristo nos domínios

do scisma oriental e nos campos da heresia de todos os tempos.

São Pedro transfere, logo depois, sua séde para a própria capital do império, soberana de mil nações, e lá sucedendo-se pela morte, uns após outros, os seus substitutos, continua a glória imperial de Cristo, dêsse império espiritual que, pela fé e pelo amor do Filho de Deus, subjuga as almas e domina suavemente os corações.

Mas o prestígio da doutrina religiosa e da própria Igreja havia de sustentar-se pelo largo e superior ambiente do ensino público, não só perante as grandes multidões mas também ante as elites intelectuais do mundo civilizado, o que só se conseguiria pelo magistério permanente destinado à formação das jovens inteligências.

E surgem, por isso, nos alvares do Cristianismo nascente as escolas de Antioquia e de Alexandria, as mais florescentes, seguindo-se as de Cesarea, de Cartago e de Roma. O mais conhecido decreto do imperador Juliano o Apóstata, é o que proíbia as escolas literárias aos cristãos, o que prova que estas já estavam desenvolvidas e que prejudicavam notavelmente os intuitos paganizantes do Cesar romano.

Com a morte acelerada do perseguidor coroadado, voltaram logo ao seu esplendor as escolas cristãs, que sob o domínio dos bárbaros brilharam ainda com mais refulgência, pela falta de escolas públicas em Roma, em Sevilha e Toledo sob os visigodos, em York, na Inglaterra, e em diversas regiões da França sob o império dos francos, chegando a formar-se, sob o patrocínio dos reis e dos Papas, os muitos centros de estudos gerais ou universidades até aos nossos dias.

Mas o inimigo da luz não descansa: o império das trevas a favor das revoluções protestantes, aproveitando as confusões democráticas da Revolução, ocupou os núcleos universitários e excluindo, até, como já fizera o imperador Juliano, os mestres católicos e chegando a proibir o ensino religioso nas escolas inferiores.

E aproveitando uma nova arma de mortífera influência, conforme aos seus disígnios anticristãos, apossou-se da grande cadeira da imprensa, lançando cada dia, a todos os ventos e a todas as camadas sociais, o brado sacrílego das suas blasfêmias contra Deus, contra a Igreja, contra a religião e até contra os princípios de toda a moral.

As tímidas insinuações que, só às ca-

ladas, se ouviam outrora para cavar os fundamentos da crença e os alicerces da sociedade, agora, por meio da imprensa diária ou da revista elegante, fazem-se ecoar não já no âmbito das praças ou nas abobadas dos salões, mas penetram as suas vozes, com os chamarizes da novidade, na solidão dos apartamentos das casas de hospedagem e no lar sagrado das famílias.

Torna-se, portanto, o jornal católico um elemento necessário, uma arma de primeira ordem para a completa salvaguarda da fé e da religião, da ordem e da moral; resulta, para todos, necessário o concurso que devem prestar à boa imprensa, não sendo suficiente à conservação da fé e dos bons costumes, nem o favor dos poderes públicos, nem o prestígio das cidades, nem a autoridade dos grandes centros de ensino que, já oficialmente, não são católicos, ou antes, em todos êsses antigos meios acham-se muitos elementos contrários pelos quais em muitos paizes a religião foi perseguida e em outros desprezada, contribuindo dessa sorte para a apostasia geral ou para o abandono prático da mesma religião.

P. Luis Salamero, C. M. F.



O MAIOR MILAGRE

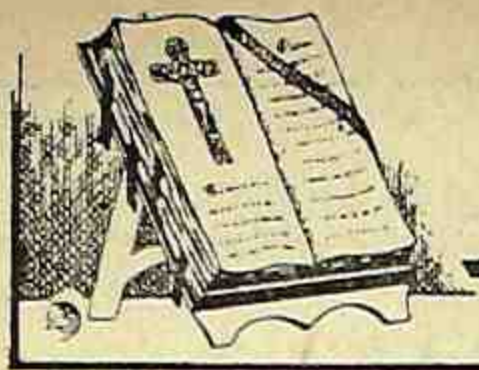
*Impôr mãos sôbre enfermos e curá-los,
Estendê-las e mortos levantar,
Da natureza desfazer abalos,
Surdos ouvir e cegos enxergar...*

*Rei, e lavar os pés de seus vassallos;
Sábio, e entre os ignorante doutrinar
E com um gesto divinal mandá-los
Os gentios e pagãos cristianisar...*

*Tudo isto fez na força do imprevisto,
No poder da evangélica investida
O milagroso Coração de Cristo.*

*Tudo isto fez Jesús, — mas que ventura!
O milagre maior de sua vida
Foi chamar de Mãe a uma criatura!*

FREI SOLITÁRIO



Lições Evangelicas

XVI DOMINGO DEPOIS DE PENTECOSTES

EM uma sala bem adornada, com todos os atavios de sabor oriental, encontrava-se uma reunião numerosa de fariseus, escribas e doutores da lei que, convidados por um dos seus chefes principais, vinham solemnizar o dia de descanso com um lauto banquete.

Entre êsses representantes da elite, encontravam-se também outros de categoria inferior, pois, segundo o costume dos judeus, permitia-se a entrada no recinto do banquete a pessoas estranhas.

Havia na sala um certo ar de espetativa e curiosidade.

O número e qualidade dos convidados certamente estava a indicar que não se tratava de um simples banquete, mas de uma verdadeira recepção.

Desvendou-se o segredo quando Jesús entrou acompanhado pelo fariseu.

Todos concentraram sobre êle os seus olhares.

Ali estava o grande Profeta.

Como se comportaria? O que diria?

Aproximava-se Jesús do lugar que lhe haviam reservado, quando se apresentou diante dele um hidrópico. Êsse infeliz tivera noticia da presença de Jesús na casa daquele fariseu e a esperança de obter a saúde infundiu-lhe a coragem necessária para apresentar-se ao Mestre no meio de toda aquela assistência.

Os fariseus, em vez de afastar dali aquele pobre enfermo, puzeram-se a observar o que faria o Profeta naquele dilema: curar em dia de sábado, transgredindo o descanso legal, ou despedir o doente, dando mostras de falta de poder ou de caridade.

Jesús leu os seus pensamentos.

Dirigindo a palavra aos doutores da lei e aos fariseus, disse-lhes: "É lícito curar em dia de sábado ou não?"

Todos ficaram calados.

Jesús submetera-os ao dilema em que êles esperavam apanhá-lo.

Diante daquele silêncio, o taumaturgo realiza o milagre: tomou o homem pela mão, curou-o e mandou-o embora.

Ninguém protestou abertamente contra a conduta do Nazareno, porém Jesús interceptou certos olhares significativos trocados entre alguns descontentes e, lendo-lhes novamente o pensamento, disse-lhes: "Quem de vós, se o seu jumento ou o seu boi cair num poço não o tirará mesmo em dia de sábado?"

Diz o Evangelho que êles não lhe podiam responder a isto.

Aprovaram tacitamente a conduta do Mestre.

Depois dêste incidente, que atraira a atenção de todos os convivas, dirigiram-se todos para os reclinatórios, que então se usavam ao redor das mesas.

Jesús deixou-se ficar com o dono da casa, a observar os que antes o observavam, e notou que todos procuravam, com grande diligência, os primeiros lugares.

Aproveitou-se do ensejo para dar-lhes uma lição de humildade, dizendo: "Quando fores convidado para bodas, não te assentes no primeiro lugar, porque pode ser que outro de mais consideração do que tu tenha sido convidado pelo dono da casa, e que, vindo êste que te convidou a ti e a êle, te diga: Cede o lugar a êste, e tu, envergonhado, tenhas que ocupar o último lugar. Mas quando fores convidado, vai tomar o último lugar, para que, quando vier o que te convidou, te diga: Amigo, vem mais para cima. Então terás com isto glória na presença dos que estiverem juntamente sentados à mesa".

Parece uma simples lição de bom tom social.

As palavras que acrescentou, entretanto, nos dão a conhecer o sentido profundo do pensamento do Mestre: "Todo o que se exalta, será humilhado; e o que se humilha, será exaltado".

A humildade é necessária para abater o nosso orgulho, o orgulho da nossa razão diante das verdades da fé que não compreendemos mas que estamos obrigados a acreditar.

O espirito soberbo desdenha das sublimes lições do Evangelho, relega a segundo plano os exemplos do Mestre e arvora-se em mentor da humanidade, desprezando os seguidores do Crucificado.

Na vida procurou guindar-se aos mais altos postos, brilhou aos olhos de todos, porém no último dia, no dia do terrível julgamento da humanidade, verá elevados aos primeiros postos aqueles que desprezou.

É a humildade recompensada, de que nos fala Jesús.

P. JESÚS MOURE, C. M. F.



SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (Estado de São Paulo)

O Sr. Artur Alves Aguiar e D. Adalsiza Fachini Aguiar, com seus doze filhos, antigos assinantes desta Revista e favorecidos pelo Imaculado Coração de Maria.

Frutos verdes...

TODOS sabem que a criança procura imitar. A lição viva que entra pelos olhos é das peores, certamente. Urge que venham escândalos. Ai, porém, daqueles por quem o escândalo vier! — ponderou Cristo. E pediu se não escandalizassem as crianças, porque tem um anjo especial do céu que as guarde.

Dentre as lições mais intuitivas não são as do cinema as de mais fácil imitação. O interesse que as crianças tomam em tudo quanto é cruel, em tudo quanto é aventura de força ou de astúcia lembram fatos dignos de consideração e de lástima.

Permitam-me uma observação pessoal.

Quando eu dirigí um externato em cidade paulista do Interior, observara que iam desaparecendo alguns objetos meus, além da queixa de outros alunos de que lhes sumia hoje isto, amanhã aquilo. Vi para logo tratar-se de furtos. Quem seria o autor? A habilidade dos larápios deveria ser muita, porque não deixavam margem a suspeitas. Fiz uma experiência. Coloquei um objeto de certo valor na mesa, havendo antes combinado com o sargento que me viesse visitar o colégio, sem lhe dizer do que me propunha executar. Julgou fosse uma visita protocolar, apenas.

Pus-me de tocaia no quarto. Percebi pela fresta da porta que um rapazito se aproximava, desconfiado, e retrocedia.

— Como?! refleti. Fulano? Mas Fulano é de família distintíssima da localidade! Não pode ser!...

Esperei de novo. Outra vez se aproximava da mesa o rapaz e vai examinar o objeto, quando chego de sopetão.

— Faz favor, Sr. X. Preciso ter com o senhor uma conversa mais séria.

O rapazinho empalideceu.

— Que é que eu fiz?

Vacilava, embargada a voz.

Isso mais me confirmava a suspeita.

— Nada! Diga-me apenas quais os seus companheiros que furtam os objetos, e o senhor nada padecerá. Não será chamado à Polícia.

O menino tartamudeava e não queria dizer.

— Vamos. Sei de tudo. Não adianta esconder.

Fôra simplesmente um ardil, êsse.

— Não fui só eu..., choramingava. Foram outros, professor.

— Então quem foi? porque daqui a breve ha-de vir ao colégio o sargento e a cousa vai ser mais rigorosa.

— O chefe é X. Z. Ha companheiros do colégio e companheiros do Grupo, unidos.

A testa do Grupo Escolar estava a figura nobre de um educador severo, inteligente e ordeiro.

O sargento realmente apareceu-me no externato. Mostrei-lhe os alunos. Nada porém lhe disse do ocorrido. Fui ter com o Diretor do Grupo e, de parceria, confabulamos com o Delegado da terra. Em segredo, sem autuar a ninguém, o Delegado chamou pelos meninos, — isso por serem menores e de famílias distintas da cidade, exceto um ou outro da camada mais pobre, — e descobrimos o fio todo daquela meada.

No cinema haviam êles admirado com prazer fitas da associação "A Mão Negra" e outras de sociedades de larápios, com o que aprenderam o melhor modo de furtar e de saírem ilesos. Até penas haviam estatuido para os delatores. O bando operava na sombra, debaixo de um chefe. E ai de quem não executasse a ordem de furtar! Já tinham em poder para cima de um conto de réis, subtraído parcialmente de casas comerciais, particulares, do Grupo e do colégio.

Dos rapazes, uns dezessete comparsas ao todo. O pequenito que os denunciara, sem querer, não foi chamado perante a Autoridade. Prometera-me corrigir-se, e o fez. Hoje é médico e homem probo, de família de um passado digno. Em sinal de gratidão, cousa rara em alunos, enviou-me sua tese, muito bem feita.

Fui ter com os pais de alguns deles. E uns alunos foram parar em outros colégios; outros mudaram de cidade. Só três, dos mais atrevidos, e reincidentes, partiram para uma casa correcional.

Quando, o ano passado, eu ia de Santa Cecília à cidade, alguém me pagou gentilmente a passagem. Voltei-me para o cumprimentar. E vi um quasi desconhecido. Passos depois, descí. Êle também desceu, com a esposa e um filhinho.

Desconhece-me, Sr. Padre?

— Alguns traços me dão a indicar pessoa conhecida. Mas, de momento, não sei ligar o nome à pessoa. Com quem tenho a honra de falar?

— Com X. Z. Não se lembra? O presidente daquele bando que lhe deu trabalho no colégio.

— Mas, está diferente! E já casado?

— Casado, e feliz. Sou gerente de casa comercial de alto coturno. De posses, vou bem. Quando o senhor falou a meu padasto, êle me colocou em colégio de Padres. Levei ali vida espiritual de reforma de minha alma. Regenerei-me. Hoje, seria incapaz de tocar num ceutil. Compreendí o erro da meninice, das más companhias e das más fitas, corruptoras da infância desprevenida. Não serei eu quem deixe meus filhos, no futuro, a que assistam a tais escolas de perdição da alma, dos costumes e das boas tradições de nossa família. Muito obrigado, por haver-me feito feliz!

Fiquei estatelado! Um, ao menos, me agradecia! Dos dez leprosos, só um agradeceu a Cristo o milagre que o salvara.

A gratidão humana é memória de um coração profundamente nobre.

P. Armando Guerrazzi

O inêxito do movimento dos ateus na Rússia

Confessado pelos jornais soviéticos
 • mais categorizados •

Na base do comunismo soviético esteve sempre, e continua a estar, a campanha anti-religiosa, o ódio contra todo o sobrenatural, proclamado como fundamento de toda a redenção social eficiente, da transformação da Soviécia num paraíso de plena felicidade material para o povo.

Baniu-se Deus e a Religião das escolas, do Exército, dos costumes e das leis; materializou-se a vida, degradando-a até à abominação do amor livre, primeiro, e ainda hoje, à facilidade mais espantosa do divórcio e à instituição do aborto sob a proteção do próprio Estado.

Encerraram-se os templos, depois de esbulhados às diversas confissões religiosas, instalando neles museus de ateísmo pela doutrina e pela prática da sugestão mais aliciente.

Bispos e Padres foram fuzilados em massa ou deportados para as regiões perenemente geladas da Sibéria. Por toda a parte e por todas as formas, a guerra a Deus, ao espírito religioso, à "deformação da alma do povo pelo ópio do misticismo religioso", para nos servir-mos de uma frase de Lenine.

Vão passados 24 anos desde o início dessa campanha de extinção da idéia de Deus, da sua morte definitiva.

Quais os resultados?

Nenhuma afirmação mais eloquente deles nos poderia ser dada do que pelas próprias palavras e confissão de desenganos dos mais categorizados órgãos desse mesmo comunismo ateu.

Vamos reproduzi-las das próprias páginas de alguns desses órgãos.

Da "Konsomal Pravda", de Moscou:

"A União Ateia Ucraniana tinha, em 1925, cinco milhões de membros ativos. Em 1938, estava reduzido à metade esse número; hoje, a maior parte da juventude, dos soldados vermelhos e dos empregados soviéticos frequentam abertamente as igrejas".

Escreve o "Anti-Religioznik":

"O movimento de reação religiosa acentuou-se muito com a guerra da Finlândia, difundindo-se profundamente entre os soldados vermelhos e entre o povo alcançado por esses acontecimentos.

A guerra produz horror e fortalece a religião. Onde está o sofrimento, está a religião".

Pode ler-se no "Bezbjonik":

A concorrência aos clubes vem diminuindo sensivelmente durante as horas dos ofícios divinos nos templos. Os operários preferem ir a estes. Gostam do ambiente que ali os envolve, dos cânticos e das orações em comum. Embora não haja na maior parte dos casos imagens religiosas, a grande massa do povo

não abandonou a fé e observa os dias das festas religiosas.

Muita gente continua a crer em Deus, embora não professe um rito particular. E quando se vê forçada a ingressar numa organização atea, permanece inativa e desinteressada dos objetivos destas.

Muitos crentes se contam entre os estudantes das Universidades. Encontram inadequadas, e não os satisfazem, as explicações puramente materiais da vida, o início desta na terra, a origem do homem, e regressam às conclusões adotadas pelos espíritos religiosos. Está muito desenvolvida a seita dos "Molchaniki", espécie de "quietistas", que professam abertamente a crença em Deus. Quando são interrogados, fecham-se num mutismo total. Os "quietistas" russos não consentem que os filhos frequentem as escolas soviéticas. A seita é popularíssima em muitos distritos da Rússia".

Ainda o depoimento da revista "Hutcelkaya":

"Ha grandes diferenças entre as crianças das escolas rurais e das cidades. Os destas, em geral, consideram os crentes uns loucos. Isto não obsta a que se aterrorizem ao ver um gato preto ou o sol por muito tempo encoberto, etc., etc.

A magia e a superstição crescem espantosamente entre as crianças descrentes".

E para terminar, estas afirmações da "Komsomolskaia Pravda":

"Nota-se inclinação acentuada para as cousas religiosas nos soldados vermelhos que regressam às suas casas, após o serviço militar. São piedosos, sossegados e não gostam de falar da vida que levaram nos quartéis. Hoje, até já as organizações profissionais dos trabalhadores se veem forçadas a fingir que não veem os grupos religiosos que se organizam nas fábricas, campos de trabalho em comum, etc., etc.

A religião e o sentimento religioso é cada vez mais vivo na gente do povo. Não é raro que a força pública tenha de esmagar reações vibrantes das massas contra os propagandistas ateus. O ateísmo falhou na Rússia, e no fundo da atual reforma das hierarquias sociais tem de ver-se a influência do sentimento religioso, que desponta e se avoluma em toda a parte".

Todos os comentários são desnecessários.

OFERTA MENTIROSA

No portão de um magnífico jardim estava escrito o seguinte letrero: "Dá-se êste parque a quem viver contente". Um caminhar, lendo-o, disse com seus botões:

— Aquí está a minha fortuna: vou ter, finalmente, um belo jardim!

Encaminha-se para o seu proprietário, radiante de alegria.

— Que deseja? — perguntou êste, ao vê-lo.

— Quero o jardim. Parece-me que tenho direito a êle, visto que vivo contente e feliz com a minha sorte.

— Enganou-se, meu caro amigo: quem deseja possuir o que não tem, não pode ser feliz. Continue o seu caminho...

Meu Cantinho

Família de Santa Teresinha

FAMÍLIA CRISTÃ

Família modelo, família ideal, foi sem dúvida a família Martin, donde saiu a grande e incomparável Santa Teresinha de Lisieux.

É bem verdade que pais santos dão filhos virtuosos e santos.

Da família de São Bernardo, uma Santa, a Bemaventurada Aleth, mãe do Santo, e seu virtuoso pai, deram à Igreja nove filhos, dentre eles dois Santos, e todos monges e monjas. O pai termina, também, seus dias no Mosteiro. Na família Martin, nove filhas. Cinco religiosas, quatro carmelitas e uma visitandina, e quatro anjinhos inocentes mortos ainda nos primeiros dias de vida.

E Deus escolhe, neste jardim de piedade, a sua florinha predileta: Santa Teresa do Menino Jesús!

Dizem os biógrafos da Santinha e são unânimes em afirmar a influência decisiva que na vida de Teresinha tiveram seus pais, tão santos e tão bons educadores.

Na "História de uma alma", Santa Teresinha confessa dever tudo à educação primorosa recebida no lar. O mesmo disseram o Cura d'Ars e São João Bosco.

EDUCAÇÃO VERDADEIRA

Ali, no lar do Sr. Martin e D. Zelia Guerin, oravam em comum filhas e pais. Observavam-se rigorosamente as leis de Deus e da Igreja. As crianças mal acabavam de nascer já estavam, algumas horas depois, na pia batismal. Que sofrimento, que aflição quando a Teresinha ficara dois dias sem batismo!

E os pais de hoje dormem tranquilos com filhos há dois anos sem batismo!

Teresinha nos conta como a enchiam de beijos e carícias, mas... como lhe castigavam e eram severos para com seus defeitos: "Um dia, iam visitar uma família amiga e a mãe disse à Maria que vestisse um lindo vestido mas não me deixasse com os bracinhos de fora. Não disse cousa alguma; simulei até indiferença própria das crianças e da idade, mas lá por dentro dizia comigo: *Oh! como eu havia de ficar bem mais bonitinha com os bracinhos de fora!*"

E, depois, a Santa acrescenta: — "*Com esta indole, estou bem convencida de que si não fosse educada por uns pais virtuosos teria sido muito má e até arriscado a minha salvação eterna!*"

Ai! bem diferentes são as mamãezinhas agora. Elas são as que obrigam as meninas a vestirem tanguinhas de anjinho de Renascença e vestidinhos sem manga e decotadíssimos... Ensinam as filhinhas desde pequeninas a se despirem elegantemente...

Os pais de Teresinha zelavam a pureza das filhas carinhosamente.

A menina, tão bonita, cresce desconhecendo a própria beleza, porque não lhe cultivavam a vaidade em casa. Não lhe perdoavam os impetos do caráter arrebatado. Carinhos, beijos, doçuras de amor do lar, mas severidade e energia na educação. Quem percorra as páginas da "História de uma alma" ha de sentir, ali, o que é e como se educam os filhos num lar verdadeiramente cristão.

Mirem-se no exemplo desta família as mães que, hoje, escandalizam os filhos no seio do próprio lar com esta educação livre, sem respeito à inocência da criança. Educação de palavões grosseiros e indecentes, de sambas de rádio, bailes infantis, carnaval infantil e namorico tolo de crianças.

Fedelhos que dansam tango, cantam samba imoral, fumam, namoram e bebem aos dez anos!

LEI DE DEUS OBSERVADA

Na família ideal da Santinha de Lisieux observava-se, rigorosamente, as leis de Deus e da Igreja, disse eu, e alguns exemplos se tornaram célebres. Ali se jejuava na Quaresma e guardavam-se os preceitos da abstinência. Aos domingos, toda a família Martin estava na igreja paroquial, no seu lugar bem conhecido já do povo, dos pais á última filhinha.

A casa de joias do Sr. Martin se fechava, enquanto todo o comércio da cidade, de portas abertas, negociava no dia de maior movimento. Disseram-lhe então:

— Sr. Martin, que absurdo, fechar a ourivesaria aos domingos, quando mais se costuma vender?

— Não importa, diz o santo homem, prefiro obedecer a lei de Deus.

E, longe de perder, teve lucros tão grandes que em breve adquiriu fortuna, fechou a ourivesaria e foi viver tranquilamente, dedicando-se à obra mais bela da sua vida: a educação das filhas.

Vêde como Nosso Senhor abençoa as famílias que sabem cumprir a sua santa lei!

Lar abençoado aquele, em que nasceu e viveu a maior Santa dos nossos dias!

Compreende-se por que dali saiu uma Santa!

UM EXEMPLO

Outro exemplo tocante desta família é o espírito sobrenatural em face do sofrimento. Como sofreram e que duras provações não lhes deu a Providência! Perderam quatro filhinhos, as suas mais belas esperanças! Choravam resignados. Nem uma blasfêmia, um grito de desespero!

Vêde o que escreveu a mãe virtuosa: "Ao fechar os olhos de meus queridos filhinhos

mortos, sentia meu coração alanceado por uma dôr intensa, mas uma dôr resignada. Não me arrependo do que sofri por êles. Quando alguém me falava: — “Seria melhor não tivessem nascido”, oh! eu não gostava desta linguagem. E penso que as penas e cuidados que padeci por êles devem ajuda-los na felicidade que gozam no céu. Não é verdade que perdi meus filhinhos para sempre. Depois desta vida tão curta e cheia de misérias, eu hei de encontrá-los no céu”.

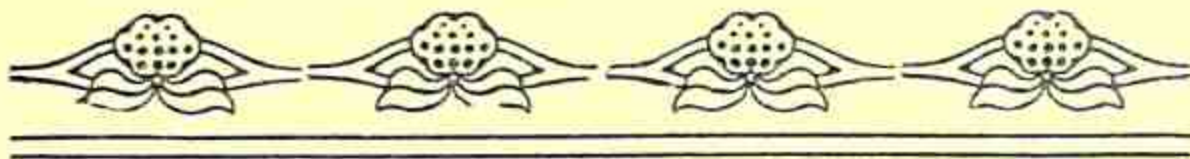
Eis a linguagem de uma santa mãe, em face da dor imensa de perder um filhinho. Como é diferente da linguagem desesperadora, blasfema e ímpia de tantas mães loucas na morte de um filhinho, revoltadas como pagãs contra o céu!

Família abençoada e santa! Nunca ali se ouviu uma palavra má, nunca se viu um mau exemplo, uma irreverência, um desrespeito.

Reinava a santidade e a pureza!

Já se aproxima a festa de Santa Teresinha. Os devotos da Santinha mirem-se no espelho da sua família tão santa!

P. Ascânio Brandão



BÉCA SANTA TERESINHA



RIO PRETO

(Minas)

Legionária Cecília
Pereira de Oliveira



RIO PRETO

(Minas)

Legionária Isaura
Pereira Maia

A situação da Igreja Católica no Japão

A SANTA SÉ CONFIA TÔDAS AS DIOCESES DO JAPÃO A ADMINISTRADORES APOSTÓLICOS INDÍGENAS

Foi em 30 de Outubro de 1927 que Pio XI sagrou por suas próprias mãos, com grande solenidade, na Basílica de São Pedro, o primeiro Bispo japonês, Mons. Hayasaca, hoje resignatário de Nagasaki e titular de Philomelium. O fato constituiu uma alta homenagem à raça nipônica e ao país, e foi incitamento de grande valor para o desenvolvimento do clero indígena, idéia tão acarinhada por aquele grande Pontífice.

As concessões feitas à Igreja, no Japão, não têm cessado de aumentar; e é de há poucos meses, como se sabe, o ato pelo qual o Governo de Tóquio conferiu à Igreja Católica, até então apenas tolerada, e tantas vezes vítima de cruéis perseguições, reconhecimento oficial dando-lhe personalidade jurídica e civil. É um grande passo dado na vida religiosa dos povos do Oriente, que não pode deixar de ter repercussões do maior alcance.

É tão importante como se deduz da desproporção atual entre 115.000 católicos numa população de 100 milhões de almas. Explica-se assim outro grande acontecimento religioso de que o Japão acaba de ser teatro. Foi apenas há algumas semanas que o Delegado Apostólico no Japão, Mons. Marella, Arcebispo Titular de Doclea, agindo em nome da Santa Sé, reuniu em conferência, em Tóquio, os Bispos, Prefeitos e Vigários Apostólicos europeus e americanos no Japão e lhes pediu que puzessem nas suas mãos, como nas do Santo Padre, a sua demissão.

Eram aqueles dois Bispos franceses, das Missões Estrangeiras de Paris, um Bispo canadiano, dois Vigários Apostólicos alemães, e oito Prefeitos Apostólicos: dois espanhóis, dois alemães, um americano, um polaco, um canadiano e, finalmente, um italiano.

Mons. Marella escolheu a seguir doze Administradores Apostólicos entre os 145 Padres indígenas que o Japão hoje conta.

Êstes novos eleitos, juntamente com Mons. Dol e Iamaguchi, respectivamente Arcebispo de Tóquio e Bispo de Nazaraki, que mantêm a direção das suas dioceses, governarão doravante as seis dioceses, os dois Vicariatos e as oito prefeituras apostólicas em que está dividido o território do Japão e da Ilha Formosa. Destes doze novos Administradores Apostólicos, cuja maior parte receberá a sagração episcopal em breve, dez pertencem ao Clero secular e dois à Ordem dos Prêgadores e à Companhia de Jesús.

Abre-se com êste ato uma nova era para a Igreja Católica no Império do Sol Nascente.

O pensamento missionário de Pio XI tem nele uma realização tão inesperada como, de certo, de fecundos benefícios de múltiplice ordem.



Ao pé da letra

A Igreja embirra com certos apêlidos que o pedantismo inflige às crianças, no dia do batismo. Longe de catolicisar os prenomes índios, o padrinho parece porfiar em indianisar os dos católicos. Quando lhe compete cristianisar os designativos profanos, tende a profanar os religiosos. Atira às urtigas os santos do calendário e põe nos pináculos da lua uns pseudo-heróis de romances mais ou menos literários.

Como Padre, prêguei muitas vezes contra tamanho abuso, e nem sempre meus pitos ecoaram no deserto, posso dizê-lo sem vaidade. Assim, dei cabo de inúmeros designativos apalhados ou ímpios, com que pretendiam mimosear meus catecúmenos. Houve, de certo, amuos, discussões e brigas, mas eu, escudado no meu dever e no bom senso, nunca dei parte de fraco.

Um dia, apareceu-me um matuto de quatro costados, bom como ouro de lei, mas simplório como a própria ingenuidade. Êste, coitado, não escolhera nenhum vocábulo romântico, pela simples razão de que não sabia soletrar. Esperava de minha sabedoria um nome retumbante e original, que distinguisse bem dos outros o seu filho, durante toda a vida.

Infelizmente, eu estava com o pé no estribo para ir fazer, bem longe, uma confissão de doente. Na pressa da saída não me era possível refletir sobre o pedido, de maneira a contentar o homem da roça. Tratei logo de cortar o nó gordio, e, sem maior hesitação, perguntei:

— Você não tem em casa uma folhinha?

— Temos, sim, senhor, por causa das luas, das marés e das festas.

— Pois bem: veja o dia em que o pequeno nasceu e note o nome marcado naquela data. Dêste modo, não ha quebra-cabeça. Assim faziam os nossos antigos.

— Está direito, senhor Vigário. O calendário é que vai decidir.

Semanas depois, tive de desobrigar uma das capelas de minha freguezia, por ocasião da festa local. Após a missa, mandei formar a roda dos batizados, que passavam de trinta. Da choradeira das crianças, da tagarelice das madrinhas, do calor das velas e da confusão geral não lhes digo nada. São cousas que se conhecem por experiência, mas que não se prestam para narrativas: antes esclarecer a balburdia da torre de Babel!

Na ocasião em que pouco me sobrava de paciência, alguém bateu-me no braço. Era o meu matuto que me vinha segredar:

— Senhor Padre, *consultemo a foinha.*

— Está bem! Está muito bom! Ponha a criança em forma, que já vou começar.

Sem mais ligar ao homem, passei dentro da roda, e, de criança em criança, fui indagando:

— Como se ha de chamar êste pequeno?

— António.

— E êste?

— Saturnino.

— E esta?

— Maria.

— E êste?

— Carnaval.

— Carnaval?!

A surpresa deu-me um pequeno choque, ao ponto de eu, sacudindo o busto e virando a cabeça, repetir como num eco:

— Carnaval? Ora essa! E quem é o pai "inteligêncudo" que foi desencovar tamanha raridade?

— Fui eu, senhor Vigário!

Levantei a cabeça e olhei para o homem que, dentro do povo, bem atrás da roda, me respondera. Era o meu matuto.

— Carnaval? Mas quem foi o "aguia" que lhe sugeriu uma escolha tão infeliz?

— Sem faltar ao respeito devido ao senhor Vigário, foi o senhor Vigário mesmo!

— Como?! Eu, algum dia, lhe dei o conselho de chamar de Carnaval seu filho?

— Vossa Reverendíssima não me disse de reparar no dia em que o pequeno nasceu?

— Disse, sim.

— Pois bem, o pirralho veio à luz aos 16 de Fevereiro. Fomos ao calendário e minha filha mais velha, que sabe ler como gente grande, porque estudou na casa da madrinha que é professora municipal, nos disse que no dia 16 de Fevereiro a folhinha trazia o nome de Carnaval.

— Mas que tolice!

— O senhor Vigário mandou pôr o nome do dia e nós obedecemos!

Tive um trabalhão para desmanchar o equívoco, no meio de crianças que choravam, de madrinhas que se interpelavam, de padrinhos que riam, enquanto lá fora os foguetes espoucavam, os cachorros latiam, os moleques faziam algazarra e a charanga de coreto enfurecia.

Finalmente, consegui arranjar um nome decente. E na minha afobação ainda achei tempo para dar graças a Deus, por não ter o matuto tido a lembrança de batizar o filho com o "gracioso" apelido de Terça-feira Gorda.

Com certa gente não ha que fiar!

P. Dubois



QUADRA

*Todas as lágrimas doces
Que caem no coração,
Não bastam, não, não adoçam
Uma gota de traição.*

Carta a uma jovem esposa ultra-moderna

— Filhos são cadilhos, disse você...

— Que lamentável teoria! Sim, lamentável. Não leve à conta de animosidade a secura da expressão! E, afinal, essa e outras manifestações do egoísmo derivam unicamente dum defeito que hoje a moda quasi perfilhou: o snobismo.

Aquí ha tempos — nunca mais pude esquecer-lo! — em conversa amena com uma jovem — autêntico produto século XX — ouvi-a dizer esta frase que, se não revoltasse, inspiraria dó:

— Num lar, os filhos, longe de representarem alegria, não são mais do que estôrvo e maçada! Uma mulher nova quer frequentar a sociedade e não pode porque tem que ficar em casa, presa às crianças! Que espiga!

Ora, o sentido das palavras que lhe ouvi é, em síntese, o mesmo do pensar dessa jovem que citei.

Quer crer? Desgosta-me que você, naturalmente inteligente e boa, alimente idéias tão errôneas! A prova de que os filhos, num lar bem formado, são a expressão da alegria, da ternura, da esperança, tem-na a minha amiga bem frizante na sua própria casa — isto é, em casa de seus pais.

Ora, recue alguns anos na estrada da sua existência — não muito longa, por sinal. — E o que vê? O ambiente familiar que então respirava não a envolve ainda?

A sua mãe, toda carinho e amor, é um exemplo de abnegação. Seu pai — braço firme, inflexível — é o bordão da família.

Tanto no amparo como na defesa, se necessária ela for, esse braço está sempre pronto a afirmar-se forte, destemido. E os filhos cresceram e desenvolveram-se, e o caráter formou-se-lhes nesse ambiente são, onde a amizade perdura, onde o peso acabrunhante do sacrifício nem se sente, onde os risos e os prantos se confundem, em doce aliança...

— Você sorri, nesse ar escarninho que ultimamente adotou?

Então, a sua alma está por tal forma embotada, que não vibra à evocação desse quadro todo ternura, que serviu de moldura à sua infância e à sua adolescência?

Mas, continuemos:

— Não vê além aquela mulher, envolta em crêpes? “É uma viúva”, diz você com indiferença. Mas detenha o pensamento um instante e reflita: Se Jesús, na Sua graça infinita, não tiver deixado um ou mais filhos a amparar aquela tristeza, como será árido o horizonte da vida dessa viúva, por maior e mais firme que seja a sua força de resignação!

Repare ainda para aquele velho... É cego, mas, esquecida momentaneamente a noite que para sempre lhe desceu na existência, conversa e ri com um rapaz que o acompanha, e que tem para ele desvelos de filho ou de neto...

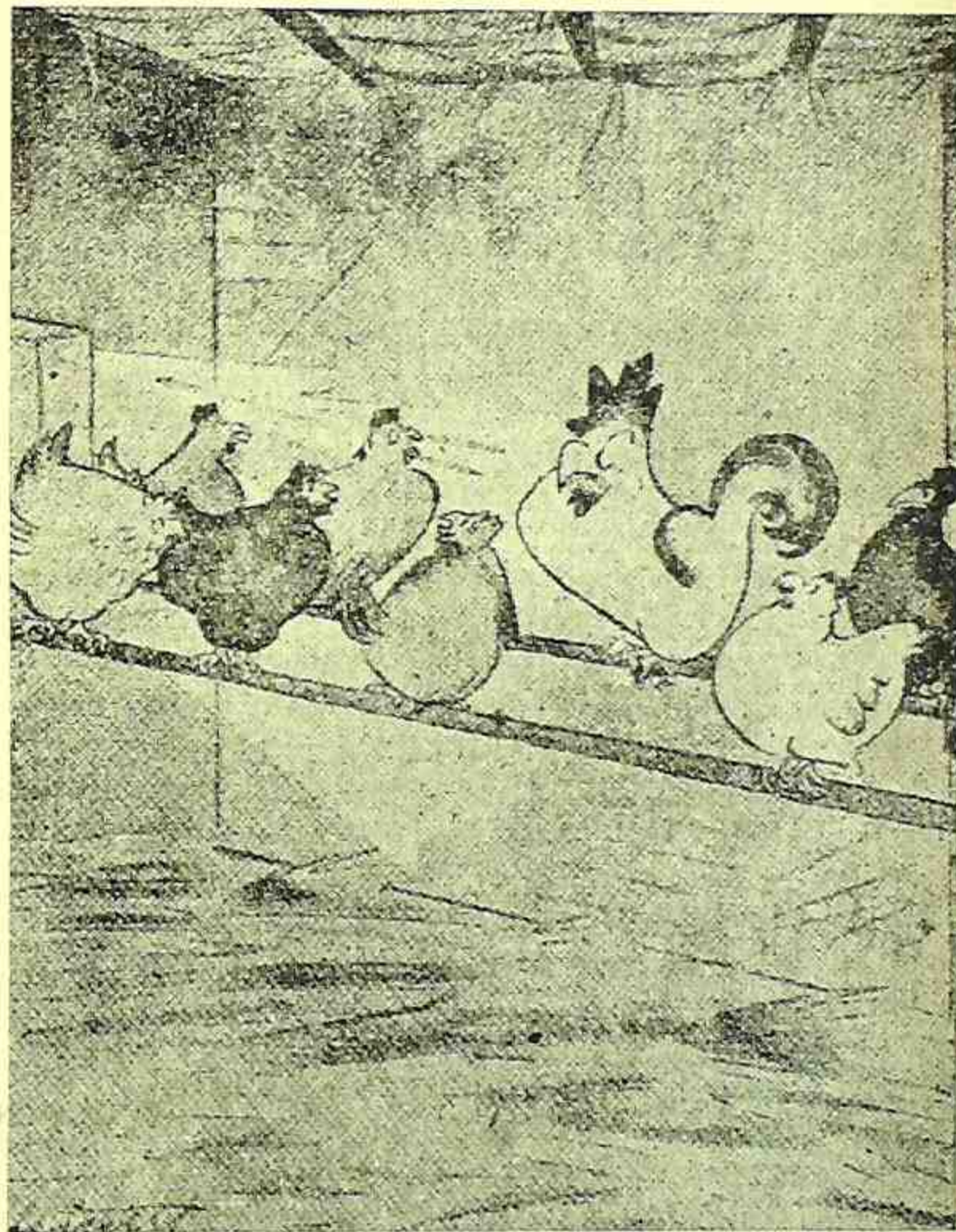
Ah! Os filhos! Laço sagrado que no lar estreita as almas num imenso afeto!...

E você, quando a sós consigo mesma, ha de concordar com o que lhe digo... Sim, você é boa sente o amor e a ternura. É a onda modernista que a domina e tenta esmagar o instinto afetivo palpitante na sua alma... Você é nova e é mulher... E em todos os tempos a mocidade floresceu, e a mulher ficou e ficará como o reflexo da devoção e da ternura. Em todos os tempos a mulher foi e será, acima de tudo — Mã!

HAYDÉE

Leia e... sorria

O GALO ESTÁ ATRAZADO...



A galinha carijó: — Acho que devemos acordá-lo. Já está na hora do primeiro canto!

★

— Você, então, acredita que ela tenha apenas 40 anos?

— Não posso deixar de acreditar, pois se ela mesma m'o tem afirmado várias vezes, nestes últimos dez anos!...

★

— Já tive um cão ótimo — disse Belarmino. — Sabia distinguir um malandro duma pessoa respeitável.

— E que foi feito dele? — perguntou o amigo.

— Ora! fui obrigado a dá-lo. Mordeu-me diversas vezes!

Beleza



TEM categorias diferentes. Os seus aspectos são variados. Essa finalidade sem fim que é o belo atrai sempre. E por que não havia de atrair, se o belo é sempre um reflexo de Deus?

O que dizem os céus na sua maravilhosa construção? Narram as glórias de Deus, e as estrelas, êsse alfabeto luminoso, cantam, em ode sublime, a beleza da criação. O mar com as suas ondas alterosas desfazendo-se em loucos redemoinhos sôbre a praia e deixando a areia franjada de espuma, ou guardando no seu seio as riquezas duma "invencível armada", não falando num "Hood" nem num "Bismarck", tem algo de beleza épica e trágica!

Tudo nos fala de Deus: os montes, os vales, os cedros gigantescos e as giestas douradas. Ha beleza em tudo, e essa beleza, na sua gama de harmonia, dá-nos uma idéia de grandeza e de infinito, se nós, como Lamennais, soubermos "ver e olhar". Saber ver e olhar, como Lamennais via e olhava, é saber encontrar a Deus em toda a obra da criação.

O sentimento da beleza inocula-se numa alma que tem a aspiração do que é grandioso e sublime. Mas, quantas almas se encontram tão pobres dêste sentimento! A beleza, para elas, não existe, ou então, por uma aberração estranha, acham *beleza* no que é degradante e vil. Não teem coração para vibrar, nem inteligência para compreender. Rastejam... e é difícil, sem olhar mais além, mais alto, encontrar essa beleza que arrebatava e extasia!

Ha beleza na natureza e ha beleza nas almas; como se encontram terrenos áridos e secos, onde nem ao de leve se encontra sombra de vegetação, também se encontram almas a quem a beleza nem sequer toca mesmo levemente.

São tristes essas almas, e sem essa luz de beleza que se pode chamar ideal divino, descem um a um os degraus da escada da desordem, da desharmonia, do desequilíbrio...

Ha almas que vibram sempre na harmonia, e a beleza faz parte integrante do seu ser.

Um Ernesto Psichari soube vibrar de harmonia e beleza na tristeza e na vastidão dum deserto de Sahara. Naquelas travessias silenciosas, êle soube encontrar a beleza infinita que, no dizer de Santo Agostinho, é sempre antiga e sempre nova.

Uma Eva Lavalière, que brilhando à luz da ribalta como estrela de primeira grandeza, achou que êsse brilho efêmero não tinha beleza e, então, procurou a beleza e a harmonia em servir o Senhor, como outrora fizera também a sua homônima, a celebre Mlle. de la Valière, que deixou a côrte com todas as suas seduções para se sepultar num Carmelo. Ali encontrou a verdadeira beleza.

A beleza é harmonia, e quando algum dos nossos sentimentos desequilibra, deixa de ha-

ver beleza, pois a vibração torna-se desafinada. Houve notas erradas.

* * *

E, por vezes, quanta desafinação se produz neste concôrto maravilhoso de harmonia e beleza que é o universo! Toda a beleza fala de Deus, mas a criatura, esquecendo êsse princípio, desce ao "panteísmo" e adora essa beleza que encontrou no seu caminho, por ela própria. Esqueceu-se de reparar que as obras primas teem sempre a marca do seu autor e jamais alguém deixou de tributar homenagem a Miguel Angelo, apreciando o seu "Moisés".

Aquelas linhas, aqueles contornos falam de gênio e de talento, e todas as gerações se curvam, reverentes, diante do seu criador!

Quem tentasse destruir essa obra maravilhosa, cometeria o crime horrível de lesa-arte.

E quantas vezes se destroem as obras primas de Deus?... Presta-se culto à matéria, e por um momento de gôzo e de prazer se vai poluir essa beleza, que fôra criada não para degradar, mas para elevar. Quanto maior for a elevação duma alma melhor ela compreenderá a beleza, não sensual e lasciva, mas a beleza espiritual e moral que, pairando acima das multidões, torna bem viva a frase de Isabel Leseur: "Toda a alma que se eleva, eleva o mundo".

* * *

Essas belezas sedutoras que, como Pompéia em Roma, se fazem seguir de todos os atavios de encanto sensual, são fealdades revestidas de ouropéis, e, resvalando em completa desharmonia e desequilíbrio, fazem uma desordem total na família e na sociedade.

Não levam a Deus: afastam dele. Não são a verdadeira beleza: são apenas uma caricatura de beleza.

A verdadeira beleza está na harmonia, a harmonia está na ordem e a ordem está em Deus!

Maria de Jesús R.



SANTOS DUMONT, O BOM FILHO

O nosso grande Santos Dumont, pai da aviação, pioneiro do mais pesado que o ar, foi sempre um ótimo filho. É notável a afeição, o carinho que sempre teve para com seu pai.

Em seu livro "O que eu vi — o que nós veremos", o genial brasileiro diz:

"Durante as minhas horas de intensa alegria e felizes sucessos, só uma saudade me fazia triste: era a ausência de meu pai. Ele, que me dera tão bons conselhos e os meios para realizar o meu sonho, não mais estava neste mundo, para ver que eu "me tinha feito um homem". É costume oriental fazer recair sôbre os pais todo o mérito, toda a glória que um homem conquistou na vida. Esta maneira de ver pode ser criticada ou desaprovada, porém no meu caso ela seria muito justa, pois tudo devo a meu pai: conselhos, exemplos de trabalho, de audácia, de economia, sobriedade e os meios com os quais pude realizar as minhas invenções".



A CAMPANHA DE FIBRAS TÊXTIS, iniciada pelo Governo e que recebeu em São Paulo, através do Fomento Agrícola Federal, sistemática e progressiva expansão, deu os mais amplos e benéficos resultados.

O êxito alcançado pelo rami permite augurar que o Brasil e, sobretudo, São Paulo estarão dentro de um lustro com mais um produto de larga aceitação e grande procura nos mercados mundiais pelos maiores indústrias de linho, que veem no rami brasileiro uma solução para o impasse da indústria do linho.

O linho produz, pouco mais ou menos, uma tonelada de fibra degomada por alqueire, enquanto que o rami produz duas nas mesmas condições. São Paulo já conta com duas fábricas de produtos rami, que lutam com a falta de "China Grass", oferecendo um excelente mercado imediato para toda a nossa produção.

DURANTE OS TRABALHOS DE DEMOLIÇÃO do edifício do ex-convento de Santa Maria, em Campitelli, foi encontrado um quadro de pintura a fresco, do século XV, representando a Virgem e o Menino. Foi, também, encontrado um sarcófago antigo e fragmentos do templo de Apolo e de um outro templo de um deus desconhecido.

Dentre as numerosas descobertas arqueológicas feitas recentemente, é preciso destacar uma placa pertencente a um antigo edifício romano, onde se decifravam inscrições confirmando os famosos fastos consulares. Nos trabalhos de escavação do cemitério, foi encontrado um sarcófago do primeiro século. Foram encontrados, ainda, fragmentos de estátuas, que fornecem novos elementos para se permitir traçar, com certeza, a antiga "forma urbis".

COMENTANDO a entrevista do representante pessoal do Presidente Roosevelt com o Papa, o jornal católico "Neue Zuercher Nachrichten" diz que, segundo informações obtidas de Roma, o Sr. Roosevelt, com sua mensagem, procurou convencer o Sumo Pontífice da necessidade do auxílio norte-americano à Rússia, visando responder antecipadamente a qualquer campanha isolacionista baseada nesse fato.

Outras informações, entretanto, adiantam que é muito mais provável que o Presidente tenha querido apenas explicar ao Sumo Pontífice a política dos aliados de após-guerra, tal como já foi revelado pelos oito pontos da "Declaração do Atlântico".

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA DO MÉXICO, Sr. Ávila Camacho, inaugurará brevemente o IV Congresso Pan-Americano de Estradas de Rodagem.

Nessa ocasião, o Presidente mexicano pronunciará um discurso que será irradiado para o continente americano, frisando a importância e a necessidade da conclusão da estrada continental, obra de solidariedade americana e de muita importância para o incremento das relações econômicas entre os povos das três Américas.

ANUNCIA-SE EM LIMA que a expedição sueco-norte-americana Wanner Gren descobriu uma grande cidade pre-colombiana, na região próxima a Cuzco, onde anteriormente haviam sido localizadas mais duas populações.

Acredita-se que a nova descoberta, de considerável valor, proporcionará dados importantíssimos acerca da cultura primitiva, pois que a cidade se acha em bom estado. O primeiro indício da existência da cidade consistiu na descoberta casual de 14 casas de banho.

A cidade acha-se situada a 3.000 metros sobre o nível do mar.

DENTRO DE POUCOS DIAS será posto em circulação, em Roma, o maior onibus do mundo, o qual tem vinte oito metros de comprimento e capacidade para duzentos passageiros.

DE CARDIFF noticiam a morte de H. Grindell Matthews, ocorrida a 11 deste mês.

Entre as investigações do cientista inglês, informa-se haver êle descoberto um raio para matar os germens das doenças, o desenho do novo método de defesa anti-aérea e do desenho de um aeroplano foguete, que seria capaz de chegar até à lua.

Entre suas investigações segundo se diz, conta-se uma pela qual um submarino poderia ser detido a 50 quilômetros de distância.

O apelido "Raio da morte" teve a origem em suas experiências com certo raio, capaz de fazer parar os motores de aeroplanos e automoveis.

Em seu plano de defesa aérea incluíam-se a mina aérea, bem como foguetes que poderiam alcançar uma altura superior a 9.000 metros em 4 segundos e meio, contendo grande número de paraquedas, aos quais, por meio de fino fio de metal, as bombas seriam ligadas.

TODOS OS JORNAIS DE LISBOA publicam, na íntegra, o texto do acôrdo cultural luso-brasileiro, qualificando-o de "importantíssimo para o estreitamento das relações culturais entre Portugal e o Brasil".

O jornal "A Voz" diz, em editorial, que as duas nações tem, naquele documento, um precioso diploma e um instrumento de alta valia para um conhecimento recíproco, e que de um lado e de outro do Atlântico as nações irmãs estendem-se as mãos, em mútuo amparo espiritual e cultural, que servirá de base para os entendimentos de ordem prática em todos os domínios.

OS ESTUDANTES DE ARQUITETURA da Escola Nacional de Belas Artes do Rio, que concluem o curso este ano, escolheram para paraninfo da turma o General Alfredo Baldomir, Presidente do Uruguai, que é notável engenheiro arquiteto.

ESTÁ SENDO ESTUDADO, por uma comissão oficial, o projetado acôrdo comercial chileno-brasileiro.

O trabalho está muito adiantado, acreditando-se que o Ministro das Relações Exteriores se pronuncie, em breve, sobre o assunto.

Biblioteca amena da "AVE MARIA" (9)



Vigário Brandão
Purezinha

E de mãos postas, a menina, com toda piedade e um fervor angélico, beijou a fita amarrada aos pés da imagem de Nossa Senhora Imaculada e murmurou baixinho:

— Ah! minha Mãe do Céu, eu quero ser pura como o lírio do campo, quero a minha alma branca até à morte!

Nha Sinhana a puxou pelo braço:

— Anda, menina, já é muito tarde!

Puzeram-se a caminho. O povo, em grupos, voltava para as fazendas e sítios. Era um vozerio pela estrada.

Na encruzilhada, ao sair do barro, o Manecão surge de repente.

Purezinha estremece.

Nha Sinhana, disfarçando:

— Uai! vancê por aqui, Manecão?! Que bão! Precisamos de um homem pra acompanhar nós na estrada. É tão perigoso andar na estrada assim de noite...

— Olhe, madrinha, o pai não gosta disso! O pai não quer que eu ande com rapaz na estrada nem no bairro. É melhor nós ir sózinha. Si o pai souber, vai ser um barulhão!

— E eu não mereço confiança, hein?

— Merece, mas o pai não gosta que eu ande conversando com rapaz.

E dirigindo-se ao moço:

— É bom vancê não ir com nós, seu Manecão. A madrinha não sabe como o pai é brabo!...

— Fique quieta, Purezinha; você não manda. Obedeça: já pra diante!

— Uai! mas eu não vou! Obedeço o meu pai. Depois quando êle souber que andei com o Manecão na estrada, na escuridão da noite... Deus me livre! Meu pai me acaba com a vida!... Eu não vou, madrinha! Volto pra casa da tia Escolástica, no bairro, e durmo lá.

— Pois ha de ir com nós, e vai de qualquer jeito!

— Não vou e não vou! Não quero moço comigo na estrada. Olhe, seu Manecão, eu não ando com vancê e nem gosto de vancê, tá escuitando?

O caboclo sentiu o sangue subir-lhe ao

rosto. Calou-se um instante. Depois, mordendo o lábio inferior, enraivecido, despeitado:

— Pois não goste! Até à volta!

E virou bruscamente as costas à menina e à madrinha, resmungando:

— Hei de me vingar!...

Tia Sinhana, calada, seguiu a caminhada ao lado de Purezinha. Ao chegar à porteira, disse:

— Não diga nada pra nho Quim!

— Não digo mesmo, sinão quem vai sofrer é a madrinha...

Manecão não se conformava com a recusa. Parecia não dar importância ao caso, mas roia-lhe o coração uma tristeza imensa.

Já que não havia esperança mesmo, deu para beber.

Chegou a festa da Padroeira. Todo o arraial em festa. Últimos dias da novena. O festeiro daquele ano teve gosto. Trouxera o Missionário.

Manecão, como o fazia cada ano, não quis se confessar. Tinha raiva do Missionário.

— Aquele Padre poz na cabeça da Purezinha, *aquela história* de virgindade e de consagração a Nossa Senhora, resmungava o caboclo, despeitado e triste.

Afinal, pensou muito e resolveu, de acôrdo com a tia Sinhana, arrumar o casamento de qualquer maneira, custasse o que custasse. A menina havia de ceder, por bem ou por mal.

Teve uma idéia sinistra. Si Purezinha não cedesse, a lançaria na difamação, e o casamento se faria, porque o velho pai, na sua austeridade, não consentiria manchado o nome de uma filha.

E saiu à procura de nha Sinhana.

— Olhe, tia Sinhana, vancê quer mesmo o casamento?

— Si quero, Manecão!

— E o jeito agora?

— O jeito nós dá...

— Tive uma idéia. Posso dizer? Vancê não fica zangada?

— Pode dizer.

— Por bem a menina não casa. Vamos à força, e pensei assim: vancê sabe que nome de donzela é sagrado na família. Purezinha não ha de querer ficar difamada. Eu pensei... eu pensei numa coisa...

— Diga logo, rapais!

— Eu pensei em nós assustar a menina com o perigo de difamação e ela aceitar o casório....

(Continua)

PÁGINA INFANTIL



(É proibida a reprodução desta página)

Vovózinha aparece no momento oportuno...



- Largue já dêse livro, Margarida!
- Não seja mau, Cazuzza! Quero ler um pouco.
- Nada disso! Esse livro é meu e eu gosto de ter os meus livros sempre guardados. Você não tem cuidado! Amarrota as páginas, estraga tudo!
- Ah! Cazuzza! Que mentira! Eu tenho cuidado sim! Veja: não tem uma folha amassada!
- Mas você acabará amassando todas elas. Eu sei!... Quero já o meu livro!
- Não dou, senhor egoista!



- Largue do meu livro, Margarida!
 - Não largo! Malvado!...
 - Cabeçuda!
- Foi nesse instante que vovó entrou na sala. Cazuzza, muito vermelho, avançava ameaçador para a irmã, que agarrava com unhas e dentes o livro que tanto queria ler.
- Então?! Que barulho é êsse?
 - Margarida não me quer dar o livro!
 - Que livro é êsse?
 - É o "Príncipe generoso", que eu ganhei ontem do meu padrinho.
- Vovó poz um ponto final na questão:
- Margarida vai ler o livro lá no jardim, e você, Cazuzza, ficará comigo. Preciso terminar êste crochê e assim, também, conversaremos um pouco...
 - Mas... e o meu livro? Eu...
 - Margarida tomará cuidado com êle, não é verdade?

- Tomarei, sim, vovó.
- Agora, venha comigo, senhor Cazuzza. No terraço, Cazuzza ficou carrancudo, sem dizer palavra.
- Vovó quebrou o silêncio:
- É bonita a história do "Príncipe generoso", meu filho?
- É, sim, senhora.
- Bem. Quer conta-la para mim?
- Cazuzza viu que não adiantava ficar de cara amarrada e acabou contando a história inteirinha. Quando terminou, a vovó disse:
- Muito bonita, na verdade! Você sabe, Cazuzza, porque inventaram uma história tão linda assim?
- Para as crianças gostarem...
- Sim. Por isso, e também para as crianças imitarem os bons exemplos que elas contêm... No entanto, você não aproveitou bem a história: leu o "Príncipe generoso", gostou dele e... não soube imita-lo!
- Mas, vovó, eu não posso imita-lo! Não tenho riquezas para dar aos pobres, nem castelos para transformar em asilos e orfanatos!
- Sei disso! Porém, cada um com sua força, meu filho. Você poderia imita-lo sendo menos egoista. Si as crianças não imitarem os bons exemplos que vêm sempre nas boas histórias, elas perderiam sua finalidade. As histórias foram feitas para falar mais de perto ao coração infantil.
- É verdade, vovó: quando leio uma história assim, tenho vontade de ser bom e de me tornar melhor. Porém... não sei explicar bem: quando vou pôr meus projetos em prática... esqueço-me de tudo, e...

— Compreendo! As histórias só não bastam. É preciso que no seu coração more a virtude da boa vontade... Agora, vá. Vá ao jardim e resolva sózinho o caso do seu livro. Mas lembre-se do Príncipe generoso!...

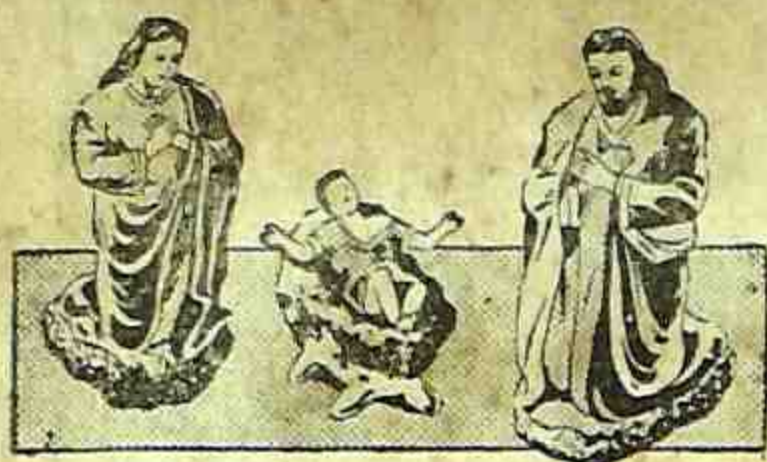
Cazuzza se afastou.

Margarida estava no jardim, embebida na leitura.

— Trouxe mais dous livros para você ler, irmanzinha. Os meus livros também são seus. Pode le-los quando quiser.

Êle disse isso e saiu correndo, satisfeito e feliz. Lá de cima, vovó assistiu a cena e sorriu. A sementezinha, tão bem lançada no coração de Cazuzza, não caíra em lugar esteril...

Regina Melillo de Souza



Fábrica de Presépios de Terra Cota

Pedro Formagio

RUA GUALAUNA, 230
(Fim da Avenida Celso Garcia)
SÃO PAULO

Peça lista de preços

NOVIDADE

MISSIONÁRIA!

Luzes e Chamas

do erúdito PADRE ASTÉRIO PASCOAL, C. M. F., é o livro oportuno e de singular atualidade. É tal o interesse sugestivo das suas páginas, que tomado nas mãos, não se larga mais até terminar a sua leitura.

PREÇO: 5\$000

Pelo correio: 6\$000

Pedidos à

Administração da
"AVE MARIA"

Caixa, 615 São Paulo

Vinho para consagrar "Cruzeiro"

Rvmos. Srs. Sacerdotes!

Peçam Vinho para consagrar marca "CRUZEIRO".

Aprovado pelos Exmos. Srs. D. Antônio Reis, Bispo de Santa Maria, D. Hermeto, Bispo de Uruguaiana, e D. José Tupinambá da Frota, Bispo de Sobral.

PRODUTORES:

LUIZ MICHIELON & CIA.

Sede em PORTO ALEGRE
Rua da Conceição n.º 422
Caixa Postal, 514
End. tel. "MIMO"

Seção Agrícola e Industrial em
CAXIAS

VIDROS E VITRAES

Galliano & Comp.
IMPORTADORES

VIDROS PARA VIDRAÇAS EM GERAL

VITRAIS ARTÍSTICOS PARA
RESIDÊNCIAS E IGREJAS

S
Ã
O
P
A
U
L
O



RUA LIBERDADE, 590 — FONE: 7-0544

NUNCA ESTÁ *manhoso!*

Com qualquer chocalhinho esta criança se diverte, e até mesmo sem brinquedo algum! E' que no geral a alegria de uma criança reside na sua saúde. Não ha criança manhosa nem criança triste. Se choraminga, está doente, falta-lhe alguma cousa!

Durante o periodo da dentição, a CAMOMILLINA evita as perturbações na saúde da criança. Corrige os transtornos digestivos comuns à primeira idade, acalma-lhe a super-excitação e impede as verminoses.

A CAMOMILLINA dá os melhores resultados no tratamento de colicas, diarréa, gastro-enterite, febre, insônia, etc. Contendo fosfatos e calcáreos, proporciona ao organismo infantil materiais de que necessita para a formação dos ossos, dentes, etc. Dá-se CAMOMILLINA às crianças desde cerca de quatro meses de idade



CAMOMILLINA

PARA A DENTIÇÃO DAS CRIANÇAS

RVMOS. IPIRANGAS (D)
"COLLEGIO CORAÇÃO DE MARIA"
- CHACARA PARAIZO -
RIO CLARO